

Cardeal do povo, cardeal da resistência: memória, morte e celebração de Dom Paulo Evaristo Arns em mídias digitais¹

Marcella VIEIRA²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O presente trabalho aborda algumas das produções de memória realizadas por duas organizações da sociedade civil em relação ao legado de Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito da Arquidiocese de São Paulo (Brasil): o Instituto Vladimir Herzog e a Comissão Arns. Mais especificamente, analisamos como essas duas instituições trabalharam informações relacionadas à morte e ao centenário de Arns em seus perfis em redes sociais na internet. Mostramos como esses trabalhos de memória podem promover o alargamento da circulação de múltiplas narrativas sobre Dom Paulo, além de fortalecer sua permanência como personagem simbólico de resistência à ditadura e de figura pública comprometida com a democracia e com os direitos civis.

PALAVRAS-CHAVE: memória; morte; direitos humanos; mídias digitais.

Introdução

“Ícone progressista da Igreja no Brasil”. Foi com essa descrição no título que o jornal Folha de S. Paulo noticiara, em 14 de dezembro de 2016, o falecimento do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo emérito da Arquidiocese de São Paulo, no Brasil. Voz ativa na resistência contra os militares – e, especialmente, contra os métodos de tortura praticados pelos agentes da ditadura civil-militar – no país e no exterior, Arns teve sua morte amplamente noticiada e narrada por veículos de imprensa nacionais. Chamadas como a da Folha foram comuns naquela data e nos dias seguintes ao acontecimento.

Quase cinco anos depois, uma outra data emblemática relacionada à figura de Dom Paulo daria o tom em novas coberturas jornalísticas: seu centenário. A marca dos cem anos do nascimento do religioso também ganhava – em um contexto político já bastante diferente e marcado pelas muitas dores, perdas e incertezas causadas pela pandemia de Covid-19 – contornos de homenagem e tributo em matérias e artigos de jornais. No dia 14 de setembro de 2021 (dia exato do centenário), também na Folha de S.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF); jornalista do Instituto de Comunicação e Informação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz); e-mail: marcella.vieira@gmail.com.

Paulo, o arcebispo recebia, em uma chamada do jornal, a alcunha de “símbolo de resistência à ditadura militar no país” e, em artigo escrito pelo jornalista Juca Kfourri, é classificado como “exemplo dos direitos humanos”.

No G1, portal de notícias do Grupo Globo, os destaques às duas datas seguiram características parecidas, ou seja, com ênfase na trajetória de Dom Paulo como figura emblemática de resistência e combate à ditadura. Para abordar especificamente o centenário, o G1 São Paulo deu destaque ao factual daquela data: a missa promovida pela Arquidiocese de São Paulo em homenagem ao religioso, realizada na catedral da Sé.

Presentificando o passado, a retórica jornalística da comemoração estabelece, em relação ao acontecimento, difundido como informação e espetáculo, uma materialização da memória por meio da montagem de uma verdadeira indústria da comemoração (BARBOSA, 2007, p. 55).

Além do valor religioso e institucional para a Arquidiocese, a escolha da Sé para a realização da missa remete a uma das mais emblemáticas passagens da trajetória de Dom Paulo Evaristo Arns como defensor dos direitos humanos e opositor declarado da ditadura: foi nesse mesmo local que ele celebrou, em 1975, o culto ecumênico em memória de Vladimir Herzog, jornalista torturado e morto pelos agentes do regime militar. “(...) a comemoração é construída como acontecimento, restabelecendo uma lógica narrativa na qual o passado pode ser utilizado concomitantemente ao presente” (BARBOSA, 2007, p. 55).

O arcebispo estreitava ali seus laços com a família Herzog e, décadas depois, em contexto político bastante diferente, passaria a ser constantemente homenageado pelo Instituto Vladimir Herzog (IVH), órgão da sociedade civil que é um dos objetos de análise deste trabalho.

Nas figuras abaixo, ilustramos as menções feitas às narrativas midiáticas de Folha de S. Paulo e portal G1 sobre morte (dezembro/2016) e centenário (setembro/2021) de Dom Paulo.

Figura 1: Jornal Folha de S. Paulo anuncia a morte de Dom Paulo Evaristo Arns, a quem chama de “ícone progressista da igreja no Brasil”.



Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1840882-dom-paulo-evaristo-arns-icone-progressista-da-igreja.shtml>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Figura 2: Artigo de Juca Kfourri para a Folha de S. Paulo homenageia Dom Paulo Evaristo Arns em seu centenário.



Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/dom-paulo-evaristo-arns-completa-100-anos- pois-sobrevive-come-exemplo-dos-direitos-humanos.shtml>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Figura 3: G1, portal de notícias do Grupo Globo, anuncia a morte de Dom Paulo Evaristo Arns, destacando – no subtítulo – sua atuação no combate à ditadura.



Fonte: G1 São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/d-paulo-evaristo-arns-morre-em-sao-paulo-aos-95-anos.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Figura 4: G1, portal de notícias do Grupo Globo, destaca a homenagem ao centenário de Dom Paulo com missa na catedral da Sé.



Fonte: G1 São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/14/missa-na-catedral-da-se-homenageia-dom-paulo-evaristo-arns-e-relembra-trajetoria-do-religioso-que-completaria-100-anos-nesta-terca.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Não nos ateremos aqui, porém, aos chamados veículos de imprensa tradicionais. Essas mídias não vêm sendo o foco desta pesquisa ampliada, iniciada em 2016, que investiga como narrativas da morte assumem diversos contornos em distintos espaços midiáticos. O trabalho contempla pesquisa do tipo exploratória e engloba levantamento bibliográfico, além de análise de informações contidas em páginas e sites de redes sociais na internet.

O intuito da pesquisa é abordar algumas das produções e estratégias de memória empreendidas por duas organizações da sociedade civil em relação ao legado do arcebispo emérito da Arquidiocese de São Paulo: o – já citado – Instituto Vladimir Herzog (IVH) e o órgão que leva o nome do arcebispo, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns (Comissão Arns). Mais especificamente, analisamos como essas duas instituições, ambas sediadas na capital paulista, trabalharam informações relacionadas à morte e às comemorações dos cem anos de Dom Paulo em seus sites oficiais e em suas páginas em redes sociais na internet. Mostramos como esses trabalhos de memória podem funcionar como estratégias para promover o alargamento da circulação de narrativas sobre Arns, além de fortalecer sua continuidade como personagem simbólico de resistência à ditadura.

Ao mencionarmos as muitas narrativas sobre o sujeito simbólico de Dom Paulo Evaristo Arns, adotamos a caracterização de Rezende (2011, p. 223): “Por narrativa, entendemos não apenas os relatos (textos), orais ou impressos, mas as imagens, os conjuntos cognitivos que concentram o tempo e a atenção humanos a alterarem ou propagarem determinada referência cultural”. E aproveitamos para destacar que a fluidez dos meios digitais auxilia na construção desse novo espaço de permanência e presença de uma figura já morta (RIBEIRO, 2015).

Memórias institucionalizadas: IVH e Comissão Arns rememoram Dom Paulo

Segundo relatórios anuais publicados em seu site, o IVH é uma instituição sem fins lucrativos, certificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Ministério da Justiça. O órgão realiza atividades voltadas a diferentes áreas de promoção da Democracia, dos Direitos Humanos e da Liberdade de Expressão. Já a Comissão Arns, cujo estatuto social de fundação data de 16 de janeiro de 2019, é classificada como uma associação sem fins lucrativos ou econômicos, político-partidários e religiosos. A finalidade do órgão é, segundo o documento disponível no site, é realizar

a defesa e a promoção dos direitos humanos da sociedade em geral, especialmente no que diz respeito a graves violações ligadas ao discurso de ódio e ações derivadas deste, assim como atos de intolerância.

Quando se despediu, em 14 de dezembro de 2016, do “Cardeal do Povo”, uma das muitas alcunhas recebidas por Arns, assim como “Cardeal da Resistência”, o Brasil já caminhava a passos largos para sua guinada institucional à extrema direita – consolidada com os resultados das eleições majoritárias e parlamentares de 2018. Em meio a essa maré de retrocessos e conservadorismo, instituições, entidades e figuras públicas ligadas aos direitos civis e aos esforços por memória, verdade e reparação sobre o período da ditadura civil-militar já sofriam – em espaços diversos, digitais ou não – uma série de ações persecutórias e patrulhamentos, além de ameaças, intimidações e censura, que buscavam manter os apagamentos das memórias relacionadas àquele regime. Impedimentos ao exercício do jornalismo e dos princípios da comunicação pública também foram práticas desse contexto.

Na época do falecimento do religioso, a Comissão Arns ainda não existia: a organização seria formalmente lançada somente em fevereiro de 2019, ano em que se iniciava o mandato presidencial de Jair Bolsonaro, adulator de torturadores e figura que passou décadas capitalizando politicamente as heranças dos porões da ditadura. Cientes do momento histórico, atores sociais diversos que já se mobilizavam em várias frentes pela defesa dos direitos civis – especialmente em São Paulo – se reuniram para formar a instituição.

Enfatizando o fato de que as graves violações dos direitos humanos que marcam a história brasileira nunca passaram por um processo de devida atenção e reparação, o manifesto de fundação, presente no site da Comissão³, reconhece que “[...], houve inegáveis avanços sob a égide da Constituição de 1988. Não podemos permitir, agora, que ocorram retrocessos”.

Note-se também que o órgão foi fundado um ano antes da eclosão da pandemia de Covid-19, momento que também representaria um enorme desafio para a defesa dos direitos humanos no país, quando grupos mais vulneráveis – povos indígenas, mulheres negras e população carcerária – foram violentamente escanteados por omissões deliberadas e discursos negacionistas. O órgão se manifestou ativamente (sempre em

³ Disponível em: <https://comissaoarns.org/pt-br/#quem-somos>. Acesso em: 8 jul. 2023.

parceria e articulação com outras instituições) durante o período de emergência sanitária em relação às negligências perpetradas pelo governo federal.

A repercussão da morte de Dom Paulo em veículos de imprensa, destacando a importância de sua atuação no combate às violações de direitos humanos, comprovaram a inscrição de sua figura como símbolo de uma época e de uma vertente mais progressista da Igreja Católica no Brasil, vertente essa mais afeita aos direitos civis e ao restabelecimento de valores democráticos no país. Porém, para além dessas mídias tidas como tradicionais, ressaltamos também os destaques dados pelo IVH – importante instituição ligada aos direitos humanos e ao combate à censura – ao falecimento.

Fundado em 2009 por familiares, amigos e antigos colegas de Herzog, o IVH foi lançado uma década antes da Comissão Arns. O Instituto surgia em um momento bastante diferente de país, inclusive em relação às circulações midiáticas, no bojo de um contexto que entendemos se encaixar no que Pollak (1989, p. 5) chama de “redistribuição das cartas políticas e ideológicas”. Em seu site, o IVH define como sendo sua missão “trabalhar com toda a sociedade pela defesa dos valores da Democracia, dos Direitos Humanos e da Liberdade de Expressão”⁴.

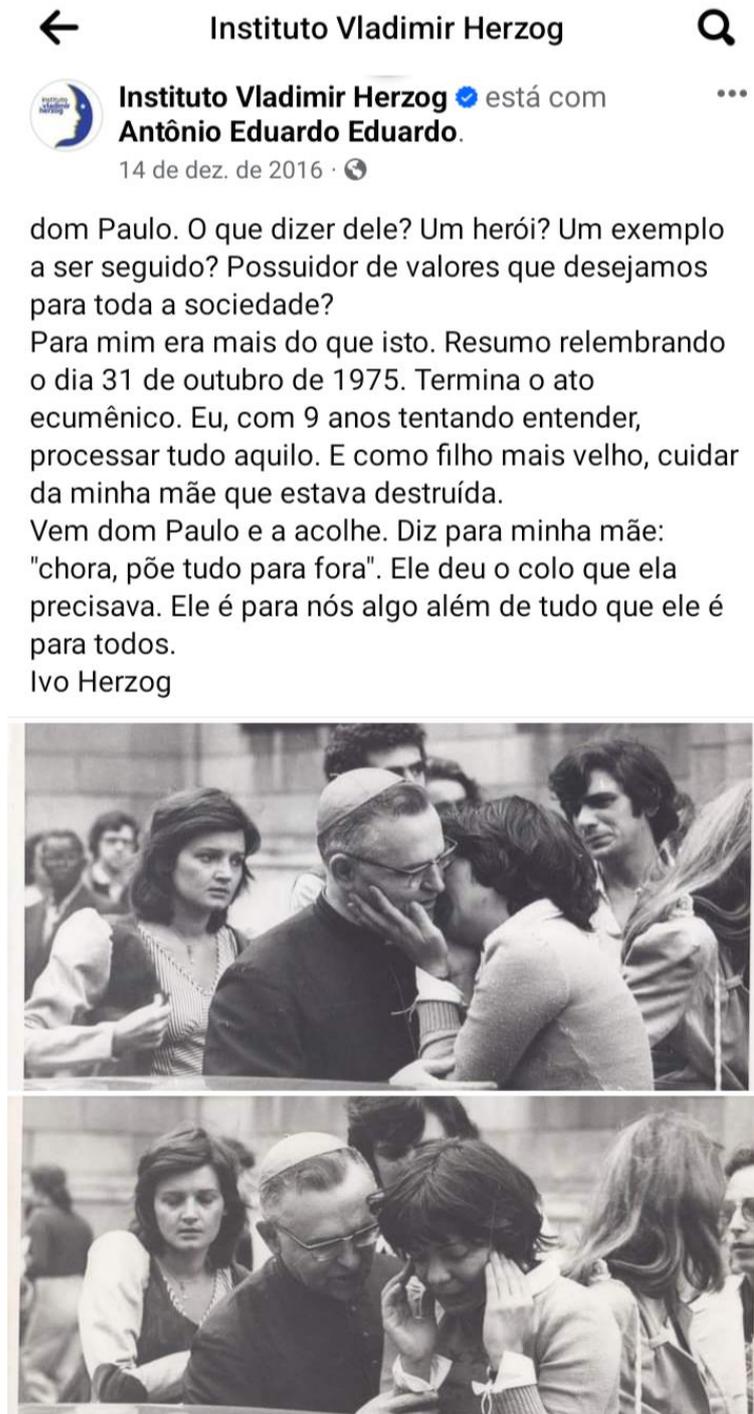
As veiculações sobre a morte de Arns no site e nas páginas oficiais da organização em suas redes sociais na internet produziram informações construídas por lembranças não apenas de caráter institucionalizado, mas também por fortes lembranças pessoais identificadas em integrantes do Instituto. Afinal, há uma aguda ligação entre Dom Paulo e o jornalista Herzog, torturado e morto pelas forças de repressão da ditadura civil-militar, em 1975. “Ele é para nós algo além de tudo que ele é para todos”, afirmou Ivo Herzog (filho de Vladimir Herzog), por meio de post publicado na página do Facebook⁵ do Instituto, no dia da morte do arcebispo emérito, conforme mostra a imagem abaixo:

⁴ Disponível em: <https://vladimirherzog.org/sobre-o-instituto>. Acesso em: 8 jul. 2023.

⁵ Disponível em:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0oa4Hce5bXs8mJnbBZVPctkiQssSt6PKv7Zx9mUST5eCBQh1ZwEuefwKgeuxm7pXPl&id=226894137375855&mibextid=Nif5oz. Acesso em: 8 jul. 2023.

Figura 5: Postagem do IVH no Facebook sobre a morte de Dom Paulo. No texto, o tom pessoal de Ivo Herzog, filho de Vladimir Herzog, sobre a importância de Arns para a sua família.



Fonte: Facebook. Disponível em:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02rzJ4ZVHckaD3J24WZhiMW5MTnizj3E16MsVEUcoEvirMCgo1hKw38uDzPpcgRH5jl&id=226894137375855&mibextid=Nif5oz.

Acesso em: 1º nov. 2022.

Estratégias memoráveis, marcos comemorativos: morte e centenário de Dom Paulo

Já nas comemorações do centenário de Dom Paulo, em 2021, a Comissão Arns publicou, em seus perfis nas redes Facebook, Instagram e Twitter, uma série de posts em tom celebratório. A ênfase ficou para o dia 14 de setembro, data exata em que Dom Paulo completaria cem anos, com depoimentos de amigos e pessoas de seu convívio, além da ênfase na expressão “CORAGEM!”, presente em diversas das postagens, para designar aquela que seria a principal característica do homenageado.

Os *prints* abaixo, retirados dos perfis oficiais da Comissão Arns, ilustram o uso da palavra e o imbricamento da figura de Dom Paulo como homem de coragem no passado (opositor à ditadura), inspiração no presente (resistência ao governo negacionista e antidemocrático de Jair Bolsonaro) e farol para o futuro (reconstrução do país). Tudo isso em um período marcado por fortes ataques e hostilidade à liberdade de expressão e aos profissionais de imprensa, especialmente às mulheres.

Figura 6: Postagens da Comissão Arns no Facebook sobre o centenário de Dom Paulo, em meio ao contexto sociopolítico do Brasil de 2021. O período era também marcado pelo auge da pandemia de Covid-19.

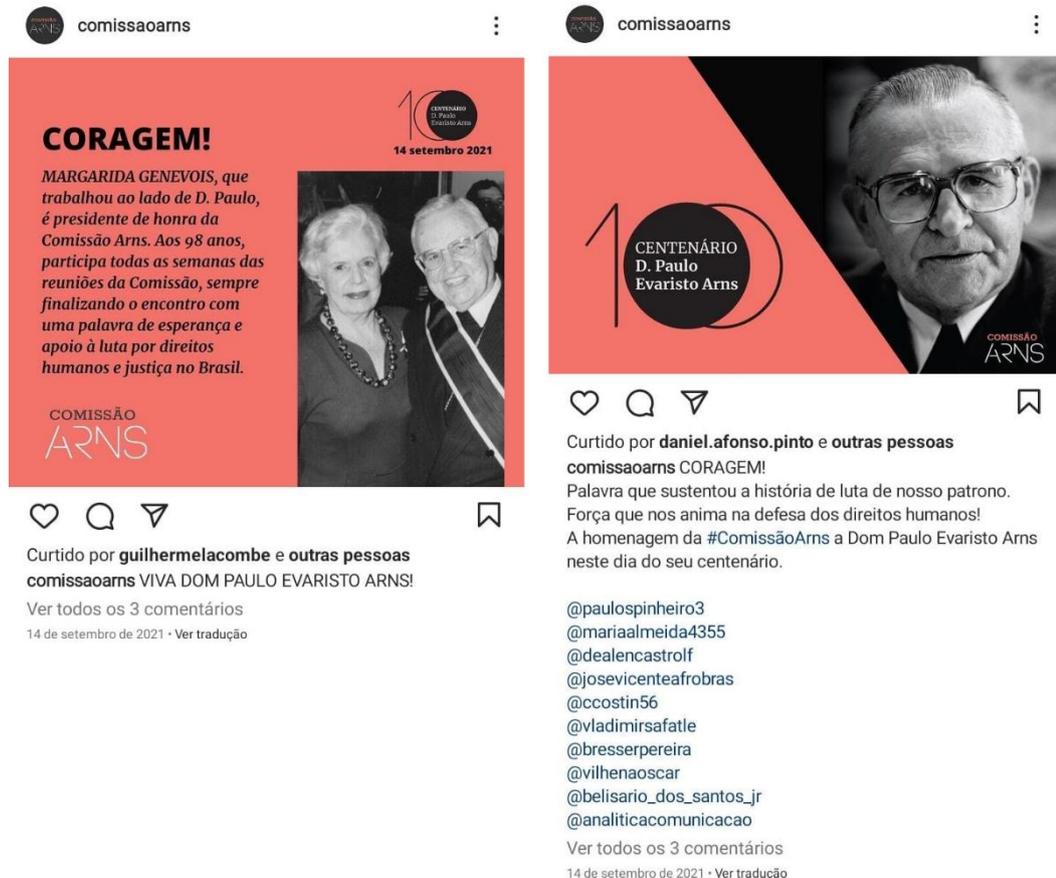


Fonte: Facebook. Disponíveis em:

<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid059gfbjHA7aF5o7SGrKfBqvJMBRdEs3q3fgDHMcN2ir8uf4hCmxxdLFCdCxxJWg34l&id=293844634612247&mibextid=Nif5oz> e <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02RW2VUwZAVtCZMsRaQghLB2tXbCx2yt3WLJXw2v5bN5nmmXqPqZVLSwBJVT628GYGI&id=293844634612247&mibextid=Nif5oz>.

Acesso em: 3 nov. 2022.

Figura 7: Marcos comemorativos: postagens da Comissão Arns no Instagram no dia do centenário de Dom Paulo (14 de setembro de 2021).



Fonte: Instagram. Disponíveis em:

<<https://www.instagram.com/p/CTzpEjALweM>> e <<https://www.instagram.com/p/CTzTZi-L Xu>>. Acesso em: 3 nov. 2022.

O IVH também fez publicações no período que atravessou a efeméride, estabelecendo o que Marialva Barbosa (2007) chama de “estratégias memoráveis”, com fortes usos de datas e marcos comemorativos e de ideias em torno da celebração e do acontecimento. As imagens abaixo mostram alguns dos atos comemorativos divulgados pelos órgãos nos meses, semanas e dias que antecederam o centenário do “Cardeal do Povo”.

Tais estratégias são operadas nos meios digitais por órgãos que assumem caráter institucionalizado para discorrer sobre figuras de destaque dos direitos humanos no país (Vladimir Herzog e Dom Paulo Evaristo Arns), constituindo “práticas de memória” (HUYSSSEN, 2000) de cunho político cuja temporalidade permite que passado, presente e futuro se confundam.

Na contemporaneidade, o desenvolvimento de tecnologias cada vez mais imateriais e com capacidade de arquivamento cada vez mais ilimitado aporta em diversos paradoxos: paralelamente há o desespero do que tende a desaparecer, ao mesmo tempo em que o excesso de um passado não para de assombrar o presente. Há o desejo de se congelar o presente, e a vontade de esquecer, pelo menos por algum tempo, pela incapacidade de se lembrar de toda a memória (REZENDE, 2011, p. 225).

Figura 8: Postagens da Comissão Arns e do IVH no Facebook nos meses que antecederam o marco comemorativo do centenário de Dom Paulo.



The image shows two Facebook posts. The top post is from 'Comissão Arns' dated 9 de ago. de 2021. It features a banner for 'O CARDEAL DO POVO DA RUA' on 13/07/2021. The banner lists speakers: FRII JOSÉ FRANCISCO DE CÁSSIA, ANA MARIA DA SILVA ALEXANDRE, and PADRE JÚLIO LANCELLOTTI. The bottom post is from 'Instituto Vladimir Herzog' dated 13 de jul de 2021. It features a banner for 'O CARDEAL DA RESISTÊNCIA' on 10/08/2021. The banner lists speakers: MARGARIDA GENEVOIS, MARIA VICTÓRIA DE MESQUITA BENEVIDES, IVO HERZOG, JOSÉ CARLOS DIAS, and JUCA KFOURI. Both posts include logos of supporting organizations and transmission information for TV PUC-SP and YouTube.

Fonte: Facebook. Disponíveis em:

<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid027DhsqEqJxeJLszWVbfuU2LnDTNsoxamKKFPHhV54Enaux2adwSF8BSgPcs7JQYnPl&id=293844634612247&mibextid=Nif5oz> e <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0pef39mAbJsKvGnBTKKSKzJh8MFut6RKyc5i6VRt7YbQe4mdbP3JBP1EwsWwqWc2tl&id=226894137375855&mibextid=Nif5oz>. Acesso em: 3 nov. 2022.

Figura 9: Tweet do IVH na véspera do centenário de Dom Paulo Evaristo Arns.



Fonte: Twitter do Instituto Vladimir Herzog. Disponível em: <https://twitter.com/vladimirherzog>⁶. Acesso em: 3 nov. 2022.

Figura 10: Tweets da Comissão Arns para divulgar um evento *on-line* em celebração ao centenário de Dom Paulo Evaristo Arns.



Fonte: Twitter da Comissão Arns. Disponível em: <https://twitter.com/comissaoarns>⁷. Acesso em: 3 nov. 2022.

⁶ Os prints foram feitos em 2022. A autora não tem mais perfil na rede Twitter e, por isso, não consegue mais identificar o link exato da postagem.

⁷ Os prints foram feitos em 2022. A autora não tem mais perfil na rede Twitter e, por isso, não consegue mais identificar o link exato da postagem.

Observamos, ao longo dessa pesquisa, a função política dessas ambiências digitais no estabelecimento de lógicas comemorativas, como datas de aniversário de nascimento ou de morte. Dessa forma, percebemos como, nessa perspectiva, essas ambiências se tornam não só produtoras, mas também renovadoras de memórias. Nesse sentido, Ana Paula Goulart Ribeiro (2023) afirma que “a memória é um elemento dinamizador de produção de novos”⁸.

Ao narrar a morte de Dom Paulo Evaristo Arns, as mídias digitais da Comissão Arns e do IVH encarnam tons celebratórios sobre a vida do personagem porque, assim, podem auxiliar na permanência de sua figura na arena pública.

Não é possível saber a morte, por isso narra-se *outra coisa*, informa-se sobre algo da vida. Uma que o acontecimento se esvai, buscar sua compreensão, tecê-lo, é sempre falar também de *outra coisa*, produzir outros eventos a partir das exigências e potencialidades dos signos, das linguagens, das narrativas e das condições pragmáticas de um processo comunicacional específico (LEAL, 2012, p. 109).

Considerações finais

Da mesma forma como já havíamos investigado em relação à Herzog, verificamos que essas organizações da sociedade civil procuram promover – de forma mais institucionalizada – atualizações narrativas da figura de Dom Paulo, aumentando a sua “presença” nas redes sociais digitais. Essas estratégias de memória podem gerar também inúmeros debates entre memórias que, antes subterrâneas (POLLAK, 1989), tornam-se, a partir do processo de redemocratização, mais organizadas, mesclando lembranças individuais e familiares, pessoais e coletivas. O grande diferencial, porém, é o fato de que, no período entre a morte e as comemorações do centenário de Arns, o país passou a atravessar um contexto de ápice de disputas e revisionismos relacionados a personagens emblemáticos ligados àquela determinada época.

[...] as sensibilidades em relação ao episódio da ditadura militar brasileira se modificaram rapidamente nessa esfera pública. Se até 2013 parece ainda se sustentar boa parte daqueles filtros que impediam a emergência de posturas extremadas e conservadoras sobre o tema, a partir de 2016 esse cenário se deteriora enormemente (MENESES; MELO, 2018, p. 262).

⁸ Fala de Ana Paula Goulart Ribeiro, professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), durante o 5º Fórum Fiocruz de Memória, em 15 ago. 2023.

A partir dos estudos sobre estratégias de memória, importantes na abordagem de narrativas midiáticas sobre um episódio historicamente marcante, é relevante verificarmos também a função política de determinadas ambiências digitais como marcos comemorativos de uma história. Podemos pensar, assim, que um dos papéis ocupados por esses espaços digitais segue uma lógica dentro do que Colombo (1991, p. 19) classifica de “corrente mnemotécnica no Ocidente”.

Nessa direção, no conjunto maior dessa pesquisa ampliada, quando analisamos as atuações do IVH nessas redes, especialmente em lógicas comemorativas, como datas de aniversário de morte ou de nascimento, percebemos os muitos paralelos com a Comissão Arns, mesmo que em contextos políticos distintos e separados por cerca de seis anos (celebrações dos aniversários de 40 anos da morte de Herzog e de cem anos do nascimento de Dom Paulo foram, respectivamente, em 2015 e 2021). Estudos sobre as permanências de sujeitos como Arns e Herzog podem representar, portanto, uma reflexão acerca da complexidade das relações entre espaços midiáticos, acontecimento, memória, narrativa, poder e diversos atores sociais.

[...] as formas da obsessão mnemônica se sujeitam à lógica da cultura e da técnica contemporâneas, impregnando não só o processo de culturalização coletivo, mas também a vida cotidiana, os modos de pensar, em outras palavras, as convicções pessoais e de grupo (COLOMBO, 1991, p. 19).

Destacamos aqui, portanto, a proximidade das duas instituições em seus papéis institucionalizados. Da mesma forma que o IVH se posiciona como guardião da memória de Herzog, a Comissão – ainda que mais voltada para agendas temáticas de direitos civis – faz algo bastante parecido com Dom Paulo, organizando e selecionando memórias, produzindo estratégias de comunicação que desempenham um papel crucial na conservação de um personagem simbólico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. **Percursos do olhar**: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EDUFF, 2007.

COLOMBO, F. **Arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo, Perspectiva, 1991.

DIAS, A. B.; ROXO, M. De jornalista a ícone da democracia: os 40 anos da morte de Vladimir Herzog, entre a memória e a história. In: Denize Correa Araujo; Eduardo Victorio Morettin; Vitor Reia-Baptista. (Org.). **Ditaduras Revisitadas**: Cartografias, Memórias e Representações Audiovisuais. UEDed.Faro: CIAC/Universidade do Algarve, 2016, v. 01, p. 403-428.

HUYSSSEN, A. Mídia e discursos de memória. Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira e Carlos A. de Carvalho Moreno. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** (vol. 27, nº 1-2004). São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p. 97-104, 2004.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEAL, B. S. O realismo em tensão: reflexões a partir da morte como acontecimento nas narrativas jornalísticas. In: MAROCCO, B.; BERGER, C.; HENN, R. (Orgs.). **Jornalismo e acontecimento**: diante da morte. Florianópolis: Insular, v. 3, p. 91-110, 2012.

MENESES, S.; MELO, E. História, memória e leituras do passado: o que as apropriações sobre Dom Paulo Evaristo Arns e o Cel. Brillante Ustra no tempo presente podem nos ensinar?. **Saeculum – Revista de História**, [S. l.], n. 39 (jul./dez.), p. 251–266, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.2317-6725.2018v39n39.41259. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/41259>. Acesso em: 8 jul. 2023.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-25, 1989.

REZENDE, R. Entre o instante e a duração: os usos da memória na construção da morte contemporânea. In: BARBOSA, M. C.; RIBEIRO, A. P. G. (Orgs.). **Comunicação e história**: partilhas teóricas. Florianópolis: Insular, p. 213-226, 2011.

RIBEIRO, R. R. **A morte midiaticizada**: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida. Niterói: EDUFF, 2015.